

REVISTA

DESAFIOS

ISSN: 2359-3652

V.12, n.5, julho/2025 - DOI: 10.20873/2025_jul_21882

ENTRE SILENCIOS E CUIDADOS: OS DESAFIOS DA ENFERMAGEM FRENTE À DEFICIÊNCIA AUDITIVA

BETWEEN SILENCE AND CARE: THE CHALLENGES OF NURSING IN CARING FOR PATIENTS WITH HEARING IMPAIRMENT

ENTRE SILENCIOS Y CUIDADOS: LOS DESAFÍOS DE LA ENFERMERÍA ANTE LA DISCAPACIDAD AUDITIVA

Deivison de Souza Barbosa

Graduação em Enfermagem (FAPAL). Universidade de Palmas (FAPAL).
E-mail: deivisonbarbosa@gmail.com.br | Orcid.org/0000-0002-0678-4956

Thiago Oliveira Sabino Lima

Mestre em Ensino em Ciências e Saúde (UFT). Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: sabino.thiago@gmail.com
Orcid.org/0000-0003-2677-9481

Maurício Aires Vieira

Doutor em Educação (UFRGS). Universidade Federal do Pampa (Unipampa).
E-mail: mauriciovieira@unipampa.br | Orcid.org/0000-0003-0737-9941

Marlon Santos de Oliveira Brito

Doutor em Educação na Amazônia (UFT). Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: marlon.brito@uft.edu.br | Orcid.org/0000-0003-1832-2086

Thiago Nilton Alves Pereira

Doutor em Biologia (USP). Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: thiago.na@uft.edu.br | Orcid.org/0000-0001-6682-7471

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Doutor em Educação e Saúde (UFRGS). Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: kelberabram@uft.edu.br | Orcid.org/0000-0002-5280-6263

ABSTRACT:

This study aims to highlight the importance of communication in healthcare practices, especially in the care of patients with hearing impairment, seeking to understand the approaches adopted by nursing professionals in this context. It is a literature review conducted between February and December 2022, based on research in databases such as SciELO, BVS, PubMed, Google Scholar, CAPES, among others, using specific inclusion and exclusion criteria for article selection. The results reveal significant challenges in communication between healthcare professionals and patients with hearing impairment, from the initial reception to treatment adherence, emphasizing the need for the use of Brazilian Sign Language (Libras) and alternative communication channels, with the support of interpreters, family members, or community partnerships, in order to promote more humanized care. Nursing practice must be guided by the principle of comprehensiveness, ensuring care for this population at all levels of healthcare, especially in Family Health Strategies and Primary Healthcare Units. It is concluded that greater commitment from the nursing team is still needed for the effective implementation of public policies and the guarantee of the rights of people with hearing impairment.

KEYWORDS: *People with Disabilities; Nursing Care; Primary Health Care.*

RESUMO:

Este estudo tem como objetivo destacar a importância da comunicação nas práticas de cuidado em saúde, especialmente no atendimento a pacientes com deficiência auditiva, buscando compreender as abordagens adotadas pelos profissionais de enfermagem nesse contexto. Trata-se de uma revisão de literatura realizada entre fevereiro e dezembro de 2022, com pesquisas em bases como SciELO, BVS, PubMed, Google Acadêmico, CAPES, entre outras, utilizando critérios específicos de inclusão e exclusão para a seleção dos artigos. Os resultados revelam desafios significativos na comunicação entre profissionais de saúde e pacientes com deficiência auditiva, desde o acolhimento até a adesão ao tratamento, ressaltando-se a necessidade do uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e de canais alternativos de comunicação, com apoio de intérpretes, familiares ou parcerias comunitárias, a fim de promover uma assistência mais humanizada. A atuação da enfermagem deve ser pautada na integralidade, garantindo o cuidado a essa população em todos os níveis de atenção, especialmente nas Estratégias de Saúde da Família e nas Unidades Básicas de Saúde. Conclui-se que ainda é necessário maior empenho da equipe de enfermagem para a efetiva implementação das políticas públicas e a garantia dos direitos das pessoas com deficiência auditiva.

PALAVRAS CHAVE: Pessoas com Deficiência; Cuidados de Enfermagem; Atenção Primária à Saúde.

RESUMEN:

Este estudio tiene como objetivo resaltar la importancia de la comunicación en las prácticas de cuidado en salud, especialmente en la atención a pacientes con discapacidad auditiva, buscando comprender los enfoques adoptados por los profesionales de enfermería en este contexto. Se trata de una revisión de la literatura realizada entre febrero y diciembre de 2022, a partir de investigaciones en bases de datos como SciELO, BVS, PubMed, Google Académico, CAPES, entre otras, utilizando criterios específicos de inclusión y exclusión para la selección de los artículos. Los resultados revelan desafíos significativos en la comunicación entre los profesionales de la salud y los pacientes con discapacidad auditiva, desde la acogida inicial hasta la adhesión al tratamiento, destacándose la necesidad del uso de la Lengua Brasileña de Señas (Libras) y de canales alternativos de comunicación, con el apoyo de intérpretes, familiares o asociaciones comunitarias, con el fin de promover una atención más humanizada. La actuación de enfermería debe basarse en el principio de integralidad, garantizando la atención a esta población en todos los niveles de atención en salud, especialmente en las Estrategias de Salud de la Familia y en las Unidades Básicas de Salud. Se concluye que aún se requiere un mayor compromiso del equipo de enfermería para la implementación efectiva de las políticas públicas y la garantía de los derechos de las personas con discapacidad auditiva.

Palabras clave: Personas con Discapacidad; Cuidados de Enfermería; Atención Primaria de Salud.

INTRODUÇÃO

A comunicação verbal existe desde os primórdios da civilização humana, e, desde então, a linguagem oral tem passado por constante evolução e sofisticação. Esse processo tornou-se uma das bases estruturais das civilizações modernas, pois a capacidade de se comunicar é essencial para que o ser humano compreenda e seja compreendido na sociedade em que vive. No campo da saúde, a comunicação entre o enfermeiro e o paciente é imprescindível, pois é por meio dela que o profissional identifica necessidades, anseios e estabelece um planejamento de cuidado adequado, transformando o diálogo em instrumento básico e essencial da prática de enfermagem (ASSIS et al., 2020).

Nesse contexto, o Decreto Federal nº 5.296/2004 define a deficiência auditiva como perda auditiva bilateral de 41 decibéis (dB) ou mais, nas frequências de 500Hz, 1000Hz, 2000Hz e 3000Hz, verificada por audiometria. Após anos de lutas por direitos, a promulgação da Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 — conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência — representou um marco importante. Essa legislação, especialmente em seu Capítulo III, Art. 18, assegura atenção integral à saúde da pessoa com deficiência em todos os níveis de complexidade, por meio do SUS, garantindo acesso universal e igualitário (OLIVEIRA; QUEIROZ, 2020).

Embora esse direito esteja garantido, muitas unidades de saúde ainda carecem de profissionais capacitados para oferecer um atendimento adequado a pessoas com deficiência auditiva. Frequentemente, pacientes surdos são atendidos de forma inadequada, com desrespeito à sua condição e ausência de um cuidado especializado e equânime, o que compromete a qualidade das ações de saúde (CUNHA; PEREIRA; OLIVEIRA, 2019).

Apesar de tímidas, as políticas públicas de inclusão têm avançado nos serviços prestados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), resultado de importantes conquistas legais nas últimas décadas. Esse avanço tem ampliado a demanda por atendimento especializado, exigindo adaptações estruturais e práticas mais inclusivas, que respeitem as necessidades comunicacionais dos usuários com deficiência auditiva, sobretudo no desejo de serem compreendidos e acolhidos (PEREIRA et al., 2020).

A enfermagem, como profissão centrada no cuidado ao ser humano, tem papel fundamental na promoção, prevenção e recuperação da saúde individual e coletiva. Assim, cabe ao enfermeiro criar condições favoráveis para a implementação de ações integradas e humanizadas, reforçando seu papel como agente essencial na construção do cuidado (SANTOS et al., 2020).

Nesse cenário, os profissionais de enfermagem são indispensáveis no atendimento à pessoa com deficiência auditiva, pois são eles os responsáveis por acolher, orientar e assistir esses pacientes, promovendo escuta ativa, compreensão e suporte contínuo. Contudo, a integralidade da atenção em saúde só é possível mediante uma relação de confiança entre paciente e profissional, construída com base em uma comunicação efetiva e um atendimento verdadeiramente humanizado (OYAMA et al., 2017).

Cabe destacar que, no Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é, em geral, ofertada de maneira optativa nos cursos de graduação na área da saúde, com exceção da fonoaudiologia. Essa lacuna compromete a qualidade do cuidado prestado e gera insegurança entre os profissionais diante da necessidade de se comunicar com pacientes surdos (MELO et al., 2021).

Diante disso, esta pesquisa justifica-se por apresentar e analisar as estratégias e ações de cuidado em saúde realizadas por profissionais de enfermagem no atendimento a pacientes com deficiência auditiva, buscando garantir a integralidade da atenção e efetivar a inclusão no sistema de saúde. Além disso, propõe-se a investigar o papel da Estratégia de Saúde da Família nesse processo, destacando a atuação do enfermeiro como agente essencial na promoção do cuidado humanizado e inclusivo a essa população.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nas ações inclusivas em saúde, a comunicação constitui uma das bases mais importantes para estruturar e organizar o cuidado assistencial, especialmente nas unidades de saúde, uma vez que é por meio da interação verbal que se viabiliza o atendimento humanizado. Quando se trata do cuidado a pacientes com surdez ou deficiência auditiva acentuada, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) torna-se um recurso essencial para a comunicação, permitindo a expressão de sintomas e sinais clínicos de forma clara e acessível, possibilitando à equipe de saúde uma intervenção eficaz, baseada no diálogo e na escuta qualificada (MARQUETE et al., 2018).

Reconhecida como meio legítimo de comunicação e expressão da pessoa com deficiência auditiva pela Lei nº 10.436, de 03 de abril de 2002 — conhecida como Lei de Libras, a utilização dessa linguagem exige das unidades de saúde e das equipes de

enfermagem a adaptação de suas práticas para acolher e atender adequadamente essa população. Sem dúvida, a comunicação clara e assertiva é um dos principais elementos que fortalecem e consolidam as relações humanas e que, no contexto da saúde, tornam possível o cuidado integral à pessoa com deficiência auditiva.

No entanto, o acesso aos cuidados e à assistência ainda representa um desafio, sobretudo em serviços onde não há profissionais capacitados no uso da LIBRAS. Por essa razão, torna-se fundamental conhecer e aplicar estratégias de acessibilidade e acolhimento voltadas ao público com deficiência auditiva, garantindo-lhes atendimento qualificado e inclusivo nas unidades de saúde (ASSIS et al., 2020).

ACESSIBILIDADE E ACOLHIMENTO DE SAÚDE AO DEFICIENTE AUDITIVO

Quando se trata da saúde da pessoa surda, um dos principais desafios enfrentados pelos profissionais de enfermagem é a comunicação durante o cuidado ao paciente com deficiência auditiva. Estudos têm demonstrado que a maioria desses profissionais não está adequadamente capacitada para se comunicar com esse público, especialmente por não dominar a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) ou outras formas de comunicação alternativa. Essa limitação acarreta insatisfação por parte dos usuários e compromete a qualidade da assistência prestada (FRANÇA; SILVA, 2017).

No processo de acolhimento, a comunicação assume papel central, pois é por meio dela que são compartilhadas informações sobre sintomas, agravamentos e situações de urgência e emergência, marcando o início da interação entre paciente e equipe de saúde. Além da comunicação verbal por meio da LIBRAS, o paciente com deficiência auditiva pode recorrer a formas não verbais de expressão, como leitura labial, gestos, mímicas, imagens, ilustrações e expressões corporais — todas caracterizadas como comunicação alternativa. Dessa forma, a atuação do profissional de enfermagem no atendimento ao paciente surdo envolve acolher, reconhecer suas necessidades, realizar encaminhamentos e elaborar um plano de cuidado que contemple ações de prevenção, promoção e recuperação da saúde (ASSIS et al., 2020).

Nesse cenário, destaca-se a importância da Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência, instituída pela Portaria nº 1.060/2002 do Ministério da Saúde e do Conselho Nacional de Saúde, que prevê ações efetivas a serem implementadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em suas diversas unidades de atenção básica e em articulação com outros setores. Essa política também estimula a formação de parcerias com organizações não governamentais e instituições educacionais. Seu objetivo central é promover a reabilitação da pessoa com deficiência auditiva, fortalecendo sua funcionalidade e autonomia, de modo a favorecer seu pleno desenvolvimento em todas as dimensões da vida social (OLIVEIRA; QUEIROZ, 2020).

Em pesquisa realizada sobre os cuidados prestados a pacientes surdos em unidades hospitalares, observou-se que:

Nesse contexto, cabe ao profissional perguntar ao paciente melhores formas de manter uma comunicação durante a assistência, podendo ser através de mímicas corporal e facial, que caracterizam-se como gestos e expressões improvisados; leitura labial, método bem aceito pela maioria das pessoas surdas, para isso o profissional deve manter uma postura apropriada para que o surdo consiga fazer a leitura, onde o profissional de enfermagem deve manter contato visual, evitar olhar para os lados e movimentos que interfira na atenção do paciente portador de surdez, porém há casos de surdos que não sabem fazer leitura labial, sabendo apenas Libras (CUNHA et al, 2019, p. 374).

Percebe-se que a capacidade dos profissionais de saúde em se comunicar por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras) contribui significativamente para estimular o aprendizado entre estudantes de enfermagem, tanto em nível técnico quanto superior. Essa competência representa uma preparação inicial fundamental, que pode promover a disseminação da língua de sinais no maior número possível de unidades de saúde, favorecendo um acolhimento mais eficaz e uma assistência mais qualificada às pessoas com deficiência auditiva. Além disso, tal capacitação deve ser estendida à comunidade e, sobretudo, às famílias — principais interlocutores dos surdos —, a fim de viabilizar um atendimento mais fluente, especialmente em situações de urgência e emergência, em unidades que carecem do apoio de intérpretes, cuja presença ainda é rara no âmbito do SUS (PEREIRA et al., 2020).

Entretanto, as barreiras na comunicação e expressão das queixas dos pacientes surdos diante dos profissionais de saúde, especialmente enfermeiros, podem comprometer significativamente a qualidade da assistência prestada. Diante desse cenário, torna-se essencial estabelecer uma interação eficaz entre profissionais e pacientes, superando os desafios comunicativos. Uma estratégia frequentemente adotada pelos profissionais de enfermagem é contar com a presença de pais, responsáveis ou familiares que convivem diariamente com a pessoa surda e dominam sua forma de comunicação. Essa postura evidencia que grande parte dos enfermeiros utiliza o acompanhante ouvinte como ponte comunicativa, contribuindo para a acessibilidade e a inclusão social do paciente no sistema de saúde (SANTOS, 2019).

Nesse contexto, a acessibilidade organizacional nas unidades de saúde pode empoderar pessoas com deficiência auditiva, promovendo sua participação ativa e inclusiva, ao lado dos profissionais e familiares. Ao integrar ações inclusivas no cotidiano do cuidado, a acessibilidade exige a adaptação dos serviços às reais necessidades dos usuários do SUS. À medida que essas adaptações são implementadas, os mecanismos de interação se expandem, tornando a informação mais acessível e promovendo um ambiente mais inclusivo. Para tanto, é imprescindível reorganizar as dinâmicas das

unidades de saúde, considerando não apenas as necessidades das pessoas com deficiência auditiva, mas de todos os usuários com diferentes tipos de deficiência, respeitando suas limitações individuais. Quando há compreensão mútua entre o paciente e o profissional de enfermagem, a acessibilidade se amplia por meio da troca de informações, permitindo a inserção plena e humanizada do surdo nas redes de atenção à saúde (OYAMA et al., 2017).

No âmbito da atenção integral à saúde, a comunicação por meio de um diálogo claro e elucidativo é uma ferramenta fundamental de acessibilidade, utilizada diariamente pelas equipes de saúde para fortalecer vínculos e ampliar os processos de humanização. Isso é particularmente importante no acolhimento e acompanhamento contínuo dos pacientes com deficiência auditiva, garantindo qualidade na assistência. Para assegurar esse acesso, é indispensável a presença de profissionais capacitados em Libras ou de intérpretes habilitados, possibilitando, já no primeiro contato, a realização de uma escuta qualificada, diagnóstico adequado e a construção de um plano terapêutico singular. Com isso, efetivam-se os direitos legalmente conquistados pelas pessoas com deficiência auditiva, reforçados por políticas públicas e marcos legais, que preveem a estruturação acessível das unidades de saúde e um atendimento realmente humanizado (LIMA; LIMA, 2019).

Mais especificamente, no que se refere à avaliação diagnóstica ou mesmo à elaboração de um diagnóstico inicial em pacientes com deficiência auditiva

No âmbito da saúde, a comunicação deve ser vista de uma forma globalizada. Pois a mesma caracteriza-se como um importante instrumento adjutor, que propicia para colaborar o sujeito como protagonista, em sua totalidade, tendo suas dificuldades e anseios atendidos, podendo assim assimilar a dinâmica do sistema de saúde e, a partir disso, utilizar destas informações a fim de viabilizar o acesso e a efetivação dos seus direitos (SILVA; ALMEIDA, 2017, p. 660).

No que diz respeito à acessibilidade para a realização de exames e ao diagnóstico definitivo dos pacientes com surdez, destaca-se a necessidade de que a equipe de enfermagem esteja familiarizada com as diversas formas de comunicação utilizadas. Isso porque há pacientes que, mesmo na presença de acompanhantes ou intérpretes, encontram dificuldades para externalizar suas queixas — sinais que podem indicar enfermidades graves ou que se agravam em decorrência do atraso no diagnóstico. Assim, a plena acessibilidade deve ampliar o conhecimento dos próprios deficientes auditivos e de suas famílias sobre sua condição clínica. Tal conhecimento pode ser significativamente facilitado quando os profissionais de saúde dominam a linguagem de sinais e comunicam-se com eficácia e postura humanizada, buscando estratégias conjuntas com as famílias para assegurar uma assistência integral (MARQUETE et al., 2018).

Estratégias de comunicação aos deficientes auditivos

Nas práticas atuais em saúde, tem-se debatido intensamente sobre estratégias para incluir as pessoas com deficiência auditiva nas redes de assistência. Essas pessoas frequentemente são vítimas de incompreensão, intolerância ou exclusão social, sobretudo pela falta de atenção e de um olhar sensível às suas necessidades específicas, apesar de terem plenos direitos a uma assistência humanizada e adequada às suas particularidades. No caso da pessoa totalmente surda, as estratégias voltam-se principalmente para derrubar as barreiras comunicativas que podem comprometer a interação necessária para diagnósticos e tratamentos, considerando que a explicação verbal sobre a razão e a necessidade dos procedimentos é fundamental (SILVA et al., 2021).

Para viabilizar a elaboração e a execução de estratégias compatíveis com uma assistência efetiva na área da saúde, cabe ao profissional desenvolver habilidades interativas junto às famílias, valorizar as experiências positivas com o deficiente auditivo e compreender profundamente as reais necessidades do paciente. Dessa forma, é possível criar vínculos acolhedores e humanizados, que promovam o compartilhamento claro e eficiente de informações essenciais para qualificar o cuidado prestado. Nesse contexto, os profissionais de saúde da família devem atuar como estrategistas na superação dos obstáculos de comunicação ao interagir com pessoas que apresentam limitações na linguagem oral, especialmente os surdos totais (FRANCISQUETE et al., 2017).

No caso específico das pessoas surdas, as estratégias precisam garantir o acesso adequado ao cuidado em saúde, possibilitando uma interação coerente, apesar das barreiras comunicativas existentes entre os profissionais, os usuários surdos e suas famílias. Considerando que essa população tende a buscar os serviços de saúde com menor frequência, torna-se fundamental identificá-los nos territórios de saúde onde estão inseridos, para dar visibilidade e efetividade ao processo assistencial. Uma abordagem estratégica essencial é reconhecer a dificuldade dos surdos em informar seus sintomas aos profissionais, especialmente quando não estão acompanhados por intérpretes familiares, da equipe de saúde da família ou da própria unidade de saúde. Em outras palavras, o enfermeiro deve agir de forma proativa ao identificar, durante as visitas domiciliares, a presença de pessoas com deficiência auditiva que possam demandar cuidados específicos (REIS; SANTOS, 2018).

Em um estudo estratégico sobre a comunicação do enfermeiro com o usuário surdo:

Tendo em vista essa realidade e considerando que o pilar para a atenção em saúde (desde a anamnese até o momento das orientações) é a boa comunicação entre o profissional e o usuário, é de se esperar que, no momento em que isso se torna falho, são grandes as possibilidades de equívocos de diagnósticos e, consequentemente, de problemas em sua solução (SOARES et al, 2018, p. 2).

Estratégias comunicativas com a família podem auxiliar o profissional de enfermagem a aprender os sinais de Libras necessários para iniciar uma

atenção humanizada, pois o próprio deficiente auditivo se identifica com o enfermeiro ou a enfermeira que demonstra interesse em compreender seus anseios, contando com o apoio dos pais ou familiares. Trata-se de uma importante estratégia de acessibilidade: aprender, mesmo que lentamente, a estabelecer vínculos comunicativos com o deficiente auditivo, seja por meio de mímicas e gestos, pois o mais relevante é a construção da confiança, a percepção de que o profissional pode ajudar e a motivação para se comunicar com essa população (SILVA et al., 2021).

Quando são identificadas as possibilidades de comunicação com o paciente surdo, torna-se fundamental desenvolver estratégias com as famílias que modifiquem a abordagem do profissional de saúde, ajustando-a ao perfil de interação observado na convivência familiar. Assim, o profissional planeja propostas de comunicação e formas de efetivar a assistência nas unidades de saúde, trazendo o deficiente auditivo e sua família para o atendimento com estratégias interativas já definidas em conjunto com sua equipe. Essas ações podem integrar a missão da equipe de saúde da família, por meio de objetivos comuns e de uma intervenção humanizada, cooperativa e interdependente, possibilitando um atendimento contínuo, integral e com a participação ativa da família (BEGROW et al., 2018).

É importante destacar que, para os deficientes auditivos, assim como para todas as pessoas que buscam assistência em saúde, qualquer estratégia de comunicação e efetivação dos cuidados deve se fundamentar no atendimento digno e humanizado, que respeite suas particularidades. A inclusão efetiva na saúde requer contato próximo com a família, para que a comunicação ultrapasse o uso da Libras, incorporando também métodos alternativos, como gestos, expressões faciais e outras formas que o enfermeiro e a família julgarem necessárias. Ademais, as unidades públicas e privadas de saúde precisam estar atualizadas para que as estratégias adotadas sejam coerentes, inclusive com as condições econômicas das famílias, o que reforça a importância da atuação multiprofissional da equipe (RIBEIRO, 2020).

Nessa perspectiva, destaca-se a necessidade de discutir estratégias integradas entre a equipe e a família, que garantam o acesso pleno dessa população aos serviços de saúde, indo além do atendimento pontual. Apesar dos esforços das unidades de saúde para acolher pessoas com deficiência, é imprescindível assegurar um atendimento humanizado e adequado, criando uma rede de atenção diferenciada e especializada para todos que procuram os serviços. No cuidado ao surdo, é necessário considerar ainda a faixa etária, reconhecendo que dificuldades comunicativas podem estar relacionadas à imaturidade e à falta de conhecimento sobre exames, diagnósticos e adesão ao tratamento. Por isso, as estratégias devem necessariamente envolver as famílias (TOMAZ et al., 2019).

Cabe ressaltar que a Atenção Básica de Saúde tem como papel desenvolver estratégias que permitam ao deficiente auditivo viver com

qualidade, promovendo sua saúde sem limitações comunicativas que possam comprometer qualquer etapa da assistência ou do cuidado. Ou seja, as estratégias devem ser acessíveis, dignas e efetivas desde o acolhimento até o acompanhamento, prevenção, reabilitação (quando indicada) e promoção da saúde. Essa abordagem integral garante que todo o processo de ações em saúde seja coerente com a singularidade de cada paciente com deficiência auditiva e sua família (SILVA et al., 2021).

METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma revisão bibliográfica da literatura especializada, realizada entre os meses de fevereiro e dezembro de 2022. As consultas a artigos científicos e outros materiais foram conduzidas diretamente no site do Ministério da Saúde, bem como em bases eletrônicas como SciELO, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e BIREME.

Para tornar a busca mais precisa, foram utilizadas terminologias cadastradas nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), o que proporcionou um melhor aproveitamento da pesquisa avançada e a integração entre diferentes idiomas. Os termos selecionados para a busca, organizados em agrupamentos temáticos, foram: “Deficiente Auditivo”, “Enfermagem”, “Cuidado Humanizado” e “Comunicação”.

Após a etapa de busca, aplicaram-se critérios de inclusão e exclusão para selecionar os materiais que seriam utilizados na pesquisa. Os critérios de inclusão adotados foram:

- a) Disponibilidade do texto completo;
- b) Publicações em língua portuguesa;
- c) Publicações realizadas entre os anos de 2017 e 2022;
- d) Estudos relacionados à Estratégia de Saúde da Família com equipes coordenadas por enfermeiros.

Foram excluídos os artigos que:

- a) Apresentavam apenas o resumo ou não dispunham da versão completa;
- b) Estavam redigidos em idioma diferente do português;

- c) Havia sido publicados antes de 2017;
- d) Eram duplicatas;
- e) Não estavam diretamente relacionados ao tema proposto.

Após a coleta das informações e com base nos objetivos da pesquisa, foram construídos dois quadros para apresentação e discussão dos resultados. O Quadro 1 aborda a participação do enfermeiro nas estratégias voltadas ao processo de comunicação com pessoas com deficiência física. Já o Quadro 2 apresenta as ações do enfermeiro na assistência humanizada à pessoa com deficiência auditiva. Com base nas análises realizadas, foram elaboradas as considerações finais, fundamentadas nas experiências descritas nos estudos selecionados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na atualidade, o cuidado humanizado na saúde pode ser entendido como processo, ou modo de prestar assistência. Dentre as várias conceituações existentes, o cuidado humanizado pode ser percebido como, uma forma de cuidar, compreender, abordar e respeitar o ser adoecido em seus momentos de vulnerabilidade. A assistência humanizada é o cuidado que se resgata dos eventos do dia a dia, que tornam o ser humano único e especial nos diferentes espaços e situações em que se encontra no sentido de prestar um atendimento personalizado, voltado não só para a doença, mas para o ser adoecido (SOARES et al, 2018).

No Quadro 1, estão as pesquisas e as experiências profissionais dos enfermeiros na equipe de saúde da família na assistência humanizada ao deficiente auditivo total (surdez) ou parcial, na construção de estratégias de comunicação.

QUADRO 1 – ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO EM SAÚDE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Base de Dados	Título do Estudo	Autor(es)	Ano	Resultados
<i>Brazilian Journal of Development</i>	O conhecimento de Libras entre profissionais da Estratégia Saúde da Família: revisão bibliográfica	Silva et al.	2021	Destaca-se a necessidade de o profissional de enfermagem possuir, além da competência técnica, habilidades em Libras para um cuidado mais humanizado.

Base de Dados	Título do Estudo	Autor(es)	Ano	Resultados
<i>Educação, Artes e Inclusão</i>	Sentimentos da equipe de enfermagem ao atender um paciente com deficiência auditiva: desafios do cuidado	Francisque et al.	2017	Recomenda-se a qualificação permanente dos profissionais para garantir atendimento de qualidade à população surda nos serviços de saúde.
<i>Revista da CEFAC</i>	Conhecimento e experiência de profissionais das Equipes de Saúde da Família no atendimento a pessoas surdas	Reis; Santos	2019	Aponta que as barreiras comunicacionais afetam o vínculo com o usuário surdo, comprometendo o diagnóstico precoce e a adesão ao tratamento.
<i>Revista Baiana de Enfermagem</i>	Como eu falo com você? A comunicação do enfermeiro com o usuário surdo	Soares et al.	2018	Verificou-se que os profissionais não dominavam Libras e percebiam a ausência de acompanhante como obstáculo na assistência à pessoa surda.
<i>Revista Baiana de Saúde Pública</i>	A (in)visibilidade do surdo na atenção primária: relato de experiência	Begrow et al.	2018	Evidencia-se a necessidade de maior sensibilização da equipe de saúde sobre a população surda, promovendo qualidade de vida e inclusão no cuidado.
<i>Revista Eletrônica de Enfermagem</i>	Acessibilidade do adolescente com deficiência auditiva aos serviços de saúde	Tomaz et al.	2019	A falta de preparo dos profissionais prejudica a humanização da assistência, uma vez que a comunicação é base essencial para o cuidado em saúde.

Fonte: Pesquisa bibliográfica (2022).

Análise: Os estudos apresentados no Quadro 1 evidenciam a importância da capacitação dos profissionais de saúde em Libras, aliada a outras estratégias de comunicação alternativa, como gesto, expressão facial e linguagem corporal, para garantir um atendimento digno, eficiente e humanizado à pessoa com deficiência auditiva.

Base de Dados	Título do Estudo	Autor(es)	Ano	Resultados
<i>Revista de Iniciação Científica e Extensão</i>	Comunicação eficaz através da Língua Brasileira de Sinais do profissional de enfermagem com os deficientes auditivos	Silva; Andrade	2018	A ausência de conhecimento em Libras impacta negativamente na qualidade da assistência prestada a pacientes surdos.
<i>Ensino, Saúde e Ambiente</i>	Acessibilidade de deficientes auditivos na atenção primária: uma reflexão sociocultural sobre o olhar da enfermagem	França et al.	2021	Aponta-se a necessidade urgente de maior conscientização e capacitação dos profissionais quanto à inclusão da pessoa surda nos serviços de saúde.
<i>Brazilian Journal of Health Review</i>	Tenho um paciente surdo, e agora? Guia para atendimento e anamnese em acolhimento de enfermagem	Nascimento et al.	2020	Ressalta-se a importância do vínculo de confiança e da postura acolhedora do enfermeiro para aumentar a resolutividade do atendimento.
<i>Única Cadernos Acadêmicos</i>	A perspectiva do surdo enquanto paciente no atendimento à saúde	Silva et al.	2019	Enfatiza que a Libras ainda é subutilizada nos órgãos públicos de saúde, comprometendo a eficácia do atendimento à população surda.
<i>Research, Society and Development</i>	Demanda espontânea na atenção primária: elaboração de protocolo de enfermagem no atendimento à comunidade surda	Alexandre et al.	2022	Destaca-se a importância de protocolos específicos para melhorar o acesso e a comunicação com pacientes surdos, promovendo um atendimento mais efetivo.

Fonte: Pesquisa bibliográfica (2022).

Fonte: autora, 2022.

DISCUSSÃO

Com o avanço tecnológico e, consequentemente, da área da saúde, torna-se cada vez mais desafiador para os profissionais de enfermagem oferecer um cuidado verdadeiramente humanizado. Isso se deve, em grande parte, à crescente valorização do tecnicismo e à presença marcante de tecnologias de alta complexidade nos ambientes de cuidado (Silva et al., 2021).

Francisquete et al. (2017) destacam que o aumento do uso de recursos tecnológicos, embora beneficie muitos aspectos do atendimento clínico, pode dificultar as relações humanas, especialmente com pacientes com deficiência auditiva. Essa realidade favorece a predominância de procedimentos técnicos em detrimento de aspectos afetivos e situacionais, levando ao esquecimento de que o cuidado em saúde deve estar centrado nas pessoas.

Nesse sentido, Reis e Santos (2019) reforçam que a discussão sobre a humanização dos serviços de saúde para pacientes com deficiência auditiva é antiga, dada a reconhecida importância de práticas acolhedoras e adaptadas às necessidades específicas dessa população. A implementação de políticas inclusivas e sensíveis à diversidade é essencial para garantir equidade no atendimento.

A criação da Política Nacional de Humanização (PNH), em 2003, trouxe ainda mais visibilidade a esse debate. Conforme Soares et al. (2018), essa política busca transformar as práticas de gestão e cuidado nos serviços de saúde, promovendo ações que valorizem a escuta qualificada, o vínculo, o respeito à singularidade do usuário e o acolhimento com responsabilidade.

No entanto, pesquisas realizadas por Begrow et al. (2018) apontam que, apesar dos avanços conceituais, os pacientes surdos ainda enfrentam diversas barreiras no acesso a um cuidado humanizado. A maioria dos profissionais da saúde não está preparada para se comunicar de forma adequada com esses pacientes, o que revela a urgência de desenvolver estratégias eficazes de comunicação.

Thomaz et al. (2019) reforçam que os indivíduos com deficiência auditiva enfrentam dificuldades significativas para expressar suas necessidades e compreender as orientações recebidas, tanto nos atendimentos em unidades básicas de saúde quanto

nas visitas domiciliares realizadas pelas equipes da Estratégia de Saúde da Família. A ausência de intérpretes de Libras ou de profissionais capacitados agrava ainda mais essa lacuna assistencial.

De acordo com Silva e Andrade (2018), a ausência de conhecimento em Libras, aliada à insegurança dos profissionais na utilização de formas alternativas de comunicação, impacta negativamente a qualidade da assistência. A comunicação é um dos pilares fundamentais para a construção de uma relação de confiança e empatia, indispensável para um cuidado humanizado.

França et al. (2021) ressaltam que a presença de um intérprete de Libras pode mediar o diálogo entre o profissional e o paciente, promovendo um atendimento mais inclusivo. Contudo, esse profissional está presente em poucas unidades básicas de saúde. Em contrapartida, quando o acolhimento é realizado por profissionais que possuem conhecimentos, ainda que mínimos, em Libras, observa-se uma melhora significativa na efetividade e na humanização do atendimento.

Quanto às práticas do enfermeiro, é fundamental refletir sobre a qualidade dos serviços prestados às pessoas com deficiência auditiva. Nascimento et al. (2020) defendem que os enfermeiros devem buscar compreender essa população em sua singularidade e promover sua inclusão nos serviços de saúde, por meio de ações integradas de promoção da saúde e da qualidade de vida.

Segundo Silva et al. (2019), a reorganização do cuidado e das estratégias de prevenção à saúde dessa população requer a aprendizagem de Libras pelos profissionais, bem como o desenvolvimento de novas formas de comunicação com os familiares e com a comunidade. Nesse contexto, os enfermeiros podem estabelecer parcerias com intérpretes e instituições especializadas, a serem acionadas sempre que necessário, garantindo a efetividade da comunicação e um atendimento mais humanizado.

Por fim, Alexandre et al. (2022) enfatizam a importância da criação contínua de estratégias comunicativas no cotidiano da equipe de enfermagem. A recriação de sinais e outras adaptações criativas podem contribuir significativamente para um atendimento mais sensível e respeitoso. O que não se pode permitir é que as limitações comunicativas continuem sendo barreiras à qualidade do cuidado. Superar tais desafios é essencial para a efetivação da humanização no atendimento à população surda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber que o conhecimento dos enfermeiros sobre o atendimento à Pessoa com Deficiência é escasso, em vista da ausência de capacitações sobre a temática no decorrer da graduação, o que implicaria acrescentar na grade curricular de enfermagem disciplinas que capacitassem os acadêmicos a atender PcD; bem como no ambiente de trabalho. Esse despreparo em realizar um atendimento adequado, integral e humanizado reflete as lacunas na gestão dos serviços de saúde, em não promover treinamentos aos profissionais de saúde.

Como limitações de estudo tem-se a quantidade de amostra reduzida, podendo ser justificada pelo panorama pandêmico atual. Além disso, há a escassez de pesquisas que abordem a perspectiva e atuação dos enfermeiros referente a população de pessoas com deficiência, dado que há uma prevalência de estudos sobre essa população de maneira fragmentada, o que implica na maior busca por certos tipos de deficiência, negligenciando demais percepções.

Esses achados reforçam a urgência na qualidade da formação de enfermeiros e atuantes na Atenção Primária à Saúde, a fim de potencializar os cuidados à saúde da Pessoa com Deficiência. Além disso, é imprescindível que esses profissionais busquem por mais conhecimento, que realizem uma autoeducação contínua, para que estejam minimamente preparados para atender as singularidades de uma pessoa com deficiência independente de qual seja a limitação.

Dessa forma, os enfermeiros poderão promover o cuidado integral e holístico, realizando a consulta de enfermagem capaz de conscientizar a pessoa com deficiência sobre seu protagonismo, estimular a autonomia, independência e bem-estar dessa população, e consequentemente gerar melhoria de qualidade de vida e saúde, e confiança nos serviços de saúde, estreitando os laços profissional-paciente.

É importante destacar que os resultados desta pesquisa não podem ser generalizados, entretanto, percebe-se a necessidade de um olhar crítico-reflexivo sobre a assistência às pessoas com deficiências, no que se refere ao preparo dos enfermeiros, bem como da equipe de saúde, para a realização da escuta, do acolhimento e orientações de forma individualizada, de acordo com as necessidades de cada pessoa.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70. Lisboa, 2011. (Obra original publicada em 1977). Disponível em: <https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitat%20e%20qualitat%20-%20IFES/Bauman.%20Bourdieu.%20Elias/Livros%20de%20Metodologia/Bardin%20-%20IFES.pdf>

[0-201977%20-%20An%C3%A1lise%20de%20Conte%C3%BAdo.pdf](https://periodicos.ufes.br/ipa/article/view/33622). Acesso em: 26 mar 2021.

BELMONTE, Bruna Acosta; WAGNER, Cristiane. Os desafios enfrentados pelos profissionais de saúde no atendimento e acompanhamento da pessoa surda. **Revista Latino Americana de Estudos Científicos**. v. 2, n. 7. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ipa/article/view/33622>. Acesso em: 29 dez 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria N° 2.436, de 21 de setembro de 2017**. Brasília, 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html. Acesso em: 15 fev 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência**. Brasília, 2010. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_pessoa_com_deficiencia.pdf. Acesso em 01 fev 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação em Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde**. Série B. Textos Básicos de Saúde. 2009. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_educacao_permanente_saude.pdf. Acesso em 29 dez 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. HumanizaSUS. **Política Nacional de Humanização**. Série B. Textos Básicos de Saúde. 2004. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus_2004.pdf. Acesso em 27 dez 2021.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto N° 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Brasília, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm. Acesso em: 15 fev 2021.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei N° 13.146, de 6 de julho de 2015**. Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 01 fev 2021.

BRITO, Alêssa Cristina Meireles. **Educação permanente em enfermagem na atenção básica à saúde**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Campina Grande. Orientadora: Me. Fabiana Ferraz Queiroga Freitas. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/7620/3/AL%c3%8aSSA%20CRISTINA%20MEIRELES%20DE%20BRITO.%20TCC.%20BACHARELADO%20EM%20ENFERMAGEM.2018.pdf>. Acesso em: 11 jan 2022.

CAFÉ, Luany Abade; SILVA, Edivania Cristina; E SILVA, Niedja Carla Dias de Lira; DE SOUZA, Luan Naís *et al.* A atuação do enfermeiro na saúde mental. **Acervo mais**. v. 21. 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/artigos/article/view/5016/2936>. Acesso em: 29 dez 2021.

CARVALHO *et al.* A acessibilidade nos serviços de saúde sob a perspectiva da pessoa com deficiência, Recife-PE. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. v. 12. n. 1. 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/1767/1173>. Acesso em: 05 mar 2021.

FERREIRA, Lorena *et al.* Educação permanente em saúde na atenção primária: uma revisão integrativa da literatura. **Saúde debate**. v. 43. n. 120. 2019. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/sdeb/2019.v43n120/223-239/pt/>. Acesso em: 11 jan 2022.

FERREIRA, Yara Cristina de Souza. As dificuldades dos profissionais de enfermagem da atenção básica em prestar atendimento à pessoa com deficiência (PcD) auditiva e/ou fala. **Revista Científica do Instituto Ideia**. p. 233-250. Brasília, 2018. Disponível em: [http://www.revistaideario.com.br/pdf/desm/revista.ideario.13n.01_2019/revista.Ideario_N13.01\(2019\).233.as.dificuldades.dos.profissionais.pdf](http://www.revistaideario.com.br/pdf/desm/revista.ideario.13n.01_2019/revista.Ideario_N13.01(2019).233.as.dificuldades.dos.profissionais.pdf). Acesso em: 05 mar 2021.

FIRMINO, Denize Guimarães; LÔBO, Ana Paula Antero. Atuação dos enfermeiros em saúde mental na estratégia saúde da família no município de Icapuí-CE. **Cadernos ESP Ceará**. v. 13. n. 1. p. 9-18. 2019. Disponível em: <https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/164/157>. Acesso em: 29 dez 2021.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa. Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresa**. v. 35, n. 3. p. 20-29. São Paulo, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 15 fev 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Diretoria de Pesquisas. **Coordenação de População e Indicadores Sociais**. 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/imperatriz.html>. Acesso em: 29 mar 2021.

MACHADO, Wiliam César Alves; PEREIRA, Juarez de Souza; SCHOELLER, Soraia Dornelles; JÚLIO, Liliam Cristiana *et al.* Integralidade na rede de cuidados da pessoa com deficiência. **Texto & Contexto Enfermagem**. v. 27. n. 3. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v27n3/0104-0707-tce-27-03-e4480016.pdf>. Acesso em: 05 mar 2021.

MELLO, Amanda de Lemos; BRITO, Lana Jocasta de Souza; TERRA, Marlene Gomes; CAMELO, Silvia Henriques. Estratégia organizacional para o desenvolvimento de competências de enfermeiros: possibilidades de Educação Permanente em Saúde. **Esc Anna Nery**. v. 22. n. 1. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/x9CZqW6Yxd4WWNzzDnsrQHh/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 jan 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 14 edição. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v8n3/v8n3a13.pdf>. Acesso em: 01 fev 2021.

PEREIRA *et al.* Cuidado de enfermagem às pessoas com deficiência na Atenção Primária à Saúde. **Global Academic Nursing Journal**. v. 1. n. 1. 2020. Disponível em:

<https://www.globalacademicnursing.com/index.php/globacdnurs/article/view/9/13>.
Acesso em: 08 abr 2021.

QUEIROZ, Héctor. FormWizard. **GitHub**. Imperatriz, 17, set. 2021. Disponível em: <https://github.com/HectorQT/formWizard>. Acesso em: 20 set 2021.

RAMOS, Elen Amaral; KATTAH, Junia Araceli Ribas; DE MIRANDA, Ludmila Mercês; RANDOW, Raquel *et al.* Humanização na Atenção Primária à Saúde. **Ver Med Minas Gerais**. v. 28. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Raquel-Randow/publication/330376929_Humanization_on_Primary_Health_Care/links/5ec54d25458515626cb9b232/Humanization-on-Primary-Health-Care.pdf. Acesso em: 29 dez 2021.

RODRIGUES, William Costa. Metodologia Científica. FAETEC/IST. Paracambi, 2007. Disponível em: http://pesquisaemeducacaoufrgs.pbworks.com/w/file/fetch/64878127/Willian%20Costa%20Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf. Acesso em: 15 fev 2021.

SILVA *et al.* Atuação do enfermeiro na reabilitação da saúde da pessoa com deficiência. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. v. 13. n.2. 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/5888/3949>. Acesso em: 08 abr 2021.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSA, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Revista Eletrônica**. v. 17. n. 1. 2015. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403>. Acesso em: 15 fev 2021.